

POLÍTICA E OPINIÃO PÚBLICA



Esta seção destaca os resultados das pesquisas divulgadas após prisão arbitrária do ex-presidente Lula, com dados referentes à prisão e à Operação Lava Jato, intenções de voto, avaliação de governo, preferência partidária, além da nova composição da Câmara dos Deputados após a janela partidária.

A prisão de Lula e a opinião pública

No último mês, três pesquisas de opinião pública foram divulgadas e revelaram dados importantes que indicam o impacto da prisão do ex-presidente Lula na percepção da população sobre ele e o sistema de Justiça que o condenou. As pesquisas Datafolha, Ipsos e Vox Populi indicam o fortalecimento da imagem do ex-presidente e o fracasso das teses vendidas pela grande imprensa de forma incessante nos últimos anos, visto que não há consenso na população sobre o caso Lula e, inclusive, muitos são favoráveis ao ex-presidente.

A pesquisa Ipsos aponta, por exemplo, que parte significativa da população não acredita na suposta imparcialidade da Lava Jato: 52% discordam que a operação investiga todos os políticos e 47% acham que ela não investiga todos os partidos. Segundo o Vox Populi, 52% acreditam que Lula é tratado com mais rigor pelos juízes do que políticos como Temer e Aécio. De acordo com os dois institutos, respectivamente, 47% e 41% afirmam que a Lava Jato

nada provou contra Lula.

A perseguição midiática parece ter limites, ao passo que, em geral, de 40 a 50% da população não aderem às teses vendidas pelo conluio jurídico-midiático de que Lula seria o chefe de uma organização criminosa. Ao contrário: de acordo com a Ipsos, 73% concordam que os poderosos querem tirar Lula das eleições e 55% afirmam que a operação faz perseguição política contra Lula.

No que se refere à prisão do ex-presidente, 44% (Vox Populi e Ipsos) e 40% (Datafolha) a viram como injusta, número que chega, no caso do terceiro instituto, a 61% entre os nordestinos e 49% entre os que têm renda familiar mensal de até dois salários mínimos. Segundo o Vox Populi, 59% afirmam que a condenação e a prisão foram políticas, opinião que é majoritária em todas as regiões do país, em especial no Nordeste (74%). Já a pesquisa Ipsos revela que, para 66%, após a prisão de Lula, políticos acabarão com a Lava Jato.

Sobre a candidatura do ex-presidente, 48% acham que Lula deveria disputar a eleição (Datafolha) e 51% dizem que cabe às urnas e ao povo julgá-lo (Vox Populi). O segundo instituto aponta também que 58% apoiam o direito de Lula poder se candidatar, e para 68% Lula cometeu mais acertos que erros pelo povo brasileiro e pelo Brasil.

Em relação à imagem do ex-presidente, as pesquisas indicam uma melhora na avaliação que as pessoas fazem de Lula: sua rejeição (pessoas que não votariam de jeito nenhum) caiu quatro pontos desde janeiro, indo a 36% de acordo com o Datafolha, número que chega a 16% entre os eleitores do Nordeste. A força de Lula se traduz também nos dados que apontam sua influência nas eleições: de acordo com o Vox Populi, Lula tem o poder de influenciar positivamente 49% dos votos, visto que 23% afirmam que com certeza votariam em um candidato ou candidata apoiado por Lula, e 26% considerariam votar. Na pesquisa Datafolha, esse número chega a 30 e 16%, respectivamente.

Apesar da tentativa de liquidar sua imagem, calando sua voz em uma prisão injusta e arbitrária, Lula segue sendo a principal liderança do país, com grande legitimidade popular e poder de influência sobre o processo eleitoral e sobre a opinião pública como um todo. Os resultados fortalecem o campo democrático-popular, que deve seguir lutando por sua libertação e seu direito de ser candidato.

A direita, Joaquim Barbosa e Marina

Mesmo como preso político, Lula mantém a preferência e se consolida na liderança. Vence, com os mais altos índices de intenção de voto, entre 30% e 31%, em todos os cenários para primeiro turno. Lula é o pré-candidato do PT para a presidência da República e sua candidatura pode ser lançada mesmo com ele preso em regime fechado, e só poderá ser impugnada pela Justiça Eleitoral após 16 de agosto.

A primeira pesquisa realizada pelo Datafolha após a decisão injusta da prisão de Lula pelo Tribunal Regional Federal da quarta região estimulou nove diferentes cenários com até dezesseis nomes. Sempre que seu nome é incluído, Lula lidera com larga vantagem, com mais do dobro das intenções de

voto do segundo colocado, o deputado Jair Bolsonaro (PSL). Este último, ao que parece, chegou ao teto, com 15% no cenário principal, e ao máximo, de 17%, sem Lula na disputa.

Marina Silva (Rede) desponta em terceira colocação, com 10% das intenções de voto em todos os cenários com Lula. É ela quem mais se beneficia quando o excluem da disputa, chegando a até 16%, enquanto Bolsonaro não ultrapassa 17% e parece ter atingido seu teto. Ciro Gomes (PDT) também herda parte do eleitorado de Lula, pois, com ele no páreo, não ultrapassa 5%, mas praticamente dobra seu desempenho não tendo Lula como opositor, variando de 9 a 10%.

Joaquim Barbosa (PSB), que pela primeira vez tem o nome testado em sondagem do Datafolha, em cenários com o ex-presidente Lula atinge 8% e chega no máximo a 10% sem a concorrência do ex-presidente. Enquanto isso Alckmim (PSDB) não decola, fica abaixo na disputa tanto em cenários com Lula, nos quais obtém apenas 6%, quanto naqueles sem ele, quando obtém no máximo 8%.

Outros candidatos da direita, como Álvaro Dias (Podemos), Rodrigo Maia (DEM), Henrique Meirelles ou Michel Temer (MDB), Fernando Collor de Mello (PTC), Guilherme Afif Domingos (PSD), João Amoedo (Novo), Flávio Rocha (PRB) e Paulo Rabello de Castro (PSC) não ultrapassam 4% em disputa com Lula e 5% sem ele. O mesmo ocorre com outros candidatos de esquerda, como Fernando Haddad ou Jacques Wagner, pelo PT, Manuela D'Ávila (PCdoB) e Guilherme Boulos (Psol), que, com Lula, obtém 2% de intenções de voto e sem ele chega a 3%.

O fato é que sem Lula na disputa, o número de pessoas dispostas a não votar em ninguém cresce significativamente de 13%, 14% para 23%, 24%.

Considerando Lula na disputa e os candidatos da esquerda que se posicionaram a seu lado na defesa do direito de ser candidato, a esquerda tem hoje entre 31% e 33%. Considerando candidatos de centro-esquerda, como Ciro Gomes, Marina Silva e Joaquim Barbosa, os votos no campo da esquerda ampliada somam entre 54% e 56%. Sem Lula, a esquerda ampliada teria somado entre 36% e 38% das intenções de voto. Por outro lado, os candidatos da direita somados obtêm entre 28% e 29%

com Lula na disputa e de 34% a 35% em cenários sem o ex-presidente.

A tendência do eleitorado à esquerda se confirma nas intenções de voto no segundo turno. Lula vence todos os cenários em que disputa, por 48% a 31% contra Bolsonaro, 46% a 32% contra Marina e 48% a 27% contra Alckmin. Marina vence Bolsonaro e Alckmin, por 44% a 31% e 44% a 27%, respectivamente. Aparentemente Ciro é quem tem menos chances de enfrentar a direita, empata com Alckmin e Bolsonaro, respectivamente, com 32% e 35%.

O apoio de Michel Temer mais atrapalha do que ajuda, pois 86% do eleitorado não votariam em candidatos apoiados por ele. Em índice menor, o apoio de Fernando Henrique Cardoso também não favorece as candidaturas, uma vez que 66% não votariam em candidatos apoiados pelo ex-presidente tucano.

Já o apoio de Lula seria decisivo para 30% do eleitorado e 16% talvez venham a votar em candidatos apoiados pelo candidato petista. A prisão de Lula pode vir a aumentar sua força, pois se apresentam várias irregularidades na sua condenação. Mesmo entre boa parte dos que defendem o combate à corrupção prevalece o respeito aos princípios básicos da Justiça, como o direito à ampla defesa, a necessidade de apresentação de provas e o respeito a prazos até a última instância.

Congresso e a força do PT

A prisão de Lula não trouxe a esperada corrosão do partido aguardada pela mídia, e o PT mantém o índice de preferência partidária em 20%, disparado em relação aos demais partidos, cuja maior preferência é de 4% para o MDB, 3% para o PSDB, PDT e PSol de 1%. Os demais partidos atingiram 1% de preferência partidária. Apesar da prisão de Lula ou em repúdio a ela, nos primeiros quinze dias em que o ex-presidente esteve detido, o partido recebeu 3.230 filiações, quase 30% do total dos registros contabilizados desde o início do ano. O PT tem hoje 2,1 milhões de filiados, com número inferior apenas ao do MDB, que vem perdendo filiados desde o golpe.

O final da janela partidária coincidiu com a prisão de Lula e um dos momentos mais dramáticos da história do PT, mas trouxe resultados favoráveis ao parti-

do que se consolidou com a maior bancada na Câmara. Dos 68 deputados que o PT elegeu em 2014, o partido perdeu dez no decorrer dos quatro anos e ganhou dois, chegando ao final do período com sessenta deputados. Nas três últimas eleições, o PT foi a sigla que mais elegeu deputados.

O MDB perdeu a liderança e sua bancada caiu de 65 deputados eleitos, para 52, com a maior perda entre os partidos (treze a menos), refletindo a desaprovação de Temer, assimilado como golpista, o que gera um desgaste generalizado ao governo, o que gera um mal avaliado, e, conseqüentemente, atingindo a legenda. Sendo um partido fisiológico, sem base orgânica, o mau desempenho do governo fez 20% do seu quadro parlamentar migrarem para partidos que ofereçam melhores condições de disputa nas próximas eleições.

Os partidos que obtiveram maior crescimento com a janela partidária foram o PSL, que passou de apenas um deputado eleito em 2014 para oito, impulsionados pela candidatura de Bolsonaro e um reagrupamento da bancada da Bala em torno dela.

O DEM aproveitou o enfraquecimento das maiores legendas e dobrou de tamanho: tendo eleito 21, termina o período com 42 deputados. A adesão ao DEM muito se deve ao movimento de afastamento do partido do governo; ao protagonismo que conquistou com a chegada de Rodrigo Maia à presidência da Câmara; e à força que ganha com a possível candidatura dele à presidência da República.

Outros partidos do chamado “Centrão”, como PP, PR, PSD, também aumentaram o total de parlamentares, tornando-se decisivos como apoio nas eleições deste ano. Cresceram na medida que enfraquecem o MDB e PSDB, que reduziram sua bancada para 52 e 45. O PP ganhou dez deputados, passando à terceira maior bancada, com 48, o PR ganhou sete, evoluiu de 34 para 41 e assumiu a sexta maior bancada, e o PSD ganhou dois, passou de 36 a 38.

O PSB perdeu oito dos 34 deputados que elegeu em 2014, caindo para 26, mas ganhou filiação de Joaquim Barbosa, com forte possibilidade de candidatar-se pelo partido à presidência da República. O que mais perdeu deputados proporcionalmente foi o Partido da Mulher Brasileira (PMB), que chegou a ter dezenove deputados no início de 2016 e hoje

não tem mais representantes na Câmara. O PV perdeu 50% de sua bancada, caindo de oito para quatro, e a Rede, de quatro para dois, o que deve afetar a base de sustentação da candidatura de Marina Silva.

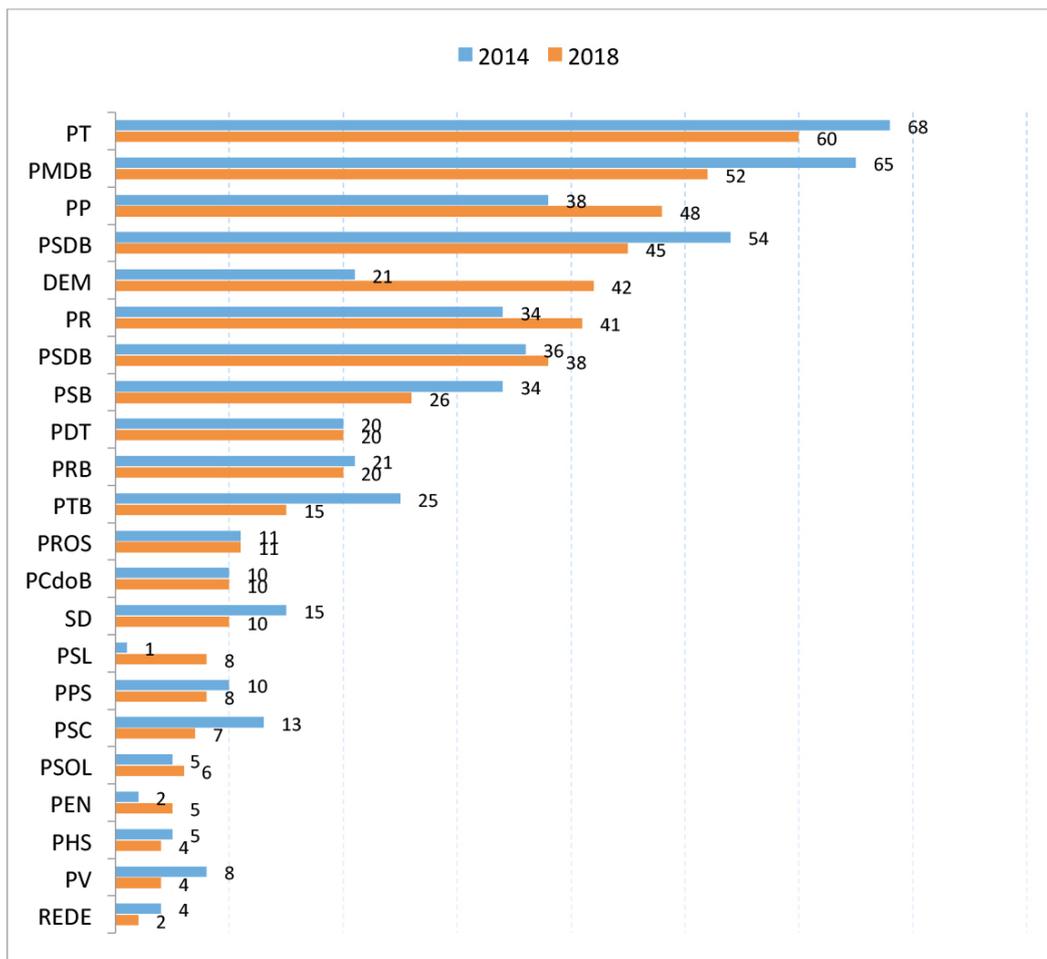
O encolhimento da legenda MDB e as disputas que travou com sua base aliada - somados ao crescimento do PT, como maior bancada, votando junto com o PCdoB e PDT, que mantiveram suas bancadas em dez e vinte parlamentares, respectivamente, e o Psol, que subiu de cinco para seis - devem atrapalhar ainda mais os planos do governo Temer, que depende do Congresso para aprovar projetos. Liderando a oposição, o PT deve seguir na obstrução de pautas, gerando dificuldades para o governo aprovar projetos e vetando os que não são de interesse popular.

O líder do PT na Câmara, Paulo Pimenta (RS), afirmou que com a maior bancada da Câmara o PT

mostra sua solidez política e ideológica. Termina a legislatura na mesma posição, sedimentando sua força na articulação do campo da esquerda e mantendo como prioridade a luta contra a prisão arbitrária do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e seu direito a ser candidato à presidência da República, além de garantir uma boa bancada na Câmara nas eleições de outubro.

O número das bancadas da Câmara é critério para estabelecer o tempo de rádio e TV que cada legenda terá na propaganda eleitoral durante a campanha e a distribuição do fundo eleitoral estimado em 1,7 bilhão de reais fundamental no financiamento das futuras candidaturas. Desse montante, quase 50% serão divididos de acordo com o tamanho das bancadas.

Com mudança nas forças políticas, o resultado da dança das cadeiras na Câmara dos Deputados ficou assim:



Fonte: Câmara dos Deputados, lideranças dos partidos na Câmara